

AMNÉSIA PSICOGÊNICA E DEFESA PSÍQUICA: UMA REVISÃO TEÓRICA DAS RELAÇÕES ENTRE MEMÓRIA E TRAUMA

Alaci Bernardo Nascimento de Medeiros

Discente do curso de Psicologia da Faculdade Caicoense Santa Terezinha (FCST)

Ayrton Axiel Lima de Medeiros

Discente do curso de Psicologia da Faculdade Caicoense Santa Terezinha (FCST)

Lisandra Beatriz de Jesus Santana

Discente do curso de Psicologia da Faculdade Caicoense Santa Terezinha (FCST)

Jardson Araujo Ramalho

Docente do curso de Psicologia da Faculdade Caicoense Santa Terezinha (FCST)

Jaylane Maria De Oliveira Medeiros

Docente do curso de Psicologia da Faculdade Caicoense Santa Terezinha (FCST)

RESUMO: O presente estudo analisa como a amnésia psicogênica se desenvolve e qual é a relevância dos mecanismos de defesas psíquicas a partir de eventos traumáticos. Questiona-se como os eventos traumáticos contribuem para o desencadeamento da amnésia dissociativa enquanto expressão subjetiva de defesa psíquica. Justifica-se a relevância deste artigo a partir de um olhar minucioso sobre como nosso cérebro cria defesas psíquicas, como a amnésia, para nos proteger de traumas que, por se tratarem de conteúdos intensos, seriam difíceis de suportar caso fossem lembrados frequentemente. Tem-se como objetivo geral: investigar a função da amnésia dissociativa enquanto resposta à eventos traumáticos. Os objetivos específicos incluem examinar abordagens clínicas e terapêuticas para o tratamento da amnésia psicogênica; compreender a importância dos mecanismos de defesas para um sujeito em sofrimento; e investigar a epistemologia da memória e sua relevância para a construção do ser subjetivo. O estudo se caracteriza como uma revisão de natureza qualitativa e descritiva, em que foram retirados materiais das bases Scielo, PubMed, PUC, revistas eletrônicas e livros físicos. Além disso, autores como Freud, Iván Izquierdo, Eric Kandel e outros, foram indispensáveis para a construção deste artigo. Considera-se então, que este estudo, pode contribuir para uma melhor compreensão sobre a causa da amnésia dissociativa, assim como entender a influência da subjetividade na construção de percepções e perspectivas sob diferentes eventos traumáticos, ou seja, como os sujeitos mobilizam defesas psíquicas singulares que sustentam sua estabilidade emocional.

Palavras-chave: Amnésia psicogênica. Trauma. Memória. Defesa psíquica. Subjetividade.

ABSTRACT: This study analyzes how psychogenic amnesia develops and the relevance of psychic defense mechanisms in response to traumatic events. It raises the question of how traumatic events contribute to the onset of dissociative amnesia as a subjective expression of psychic defense. The relevance of this article lies in a detailed examination of how our brain creates psychic defenses, such as amnesia, to protect us from trauma that, due to its intensity, would be difficult to endure if frequently remembered. The general objective is to investigate the role of dissociative amnesia as a response to traumatic events. The specific objectives include examining clinical and therapeutic approaches to the treatment of psychogenic amnesia; understanding the importance of defense mechanisms for a suffering subject; and investigating the epistemology of memory and its relevance to the construction of the subjective self. This study is characterized as a qualitative and descriptive review, drawing from materials found in databases such as Scielo, PubMed, PUC, electronic journals, and printed books. Moreover,

authors such as Freud, Iván Izquierdo, Eric Kandel, among others, were essential in the construction of this article. It is considered that this study may contribute to a better understanding of the causes of dissociative amnesia, as well as shed light on the influence of subjectivity in shaping perceptions and perspectives of different traumatic events—that is, how individuals mobilize unique psychic defenses to maintain their emotional stability.

Keywords: Psychogenic amnesia. Trauma. Memory. Psychic defense. Subjectivity.

INTRODUÇÃO

A amnésia psicogênica, também conhecida como amnésia dissociativa, configura-se como um fenômeno psicológico complexo, caracterizado pela perda de memórias autobiográficas relevantes, geralmente relacionadas a experiências traumáticas (APA, 2023). O sofrimento psíquico intenso, gerado por eventos traumáticos, pode levar o sujeito a desenvolver estratégias protetivas, como a dissociação, com o intuito de preservar sua integridade emocional. Assim, a amnésia dissociativa revela-se como um recurso que visa reduzir o impacto de lembranças insuportáveis, funcionando como uma tentativa de autopreservação.

O presente artigo busca, portanto, investigar como os eventos traumáticos contribuem para o desencadeamento da amnésia dissociativa enquanto uma expressão subjetiva de defesa psíquica. Ao compreender que tais apagamentos da memória não ocorrem ao acaso, mas obedecem a uma lógica psíquica de proteção, abre-se espaço para repensar as percepções tradicionais sobre memória, subjetividade e trauma. Justifica-se, portanto, a relevância desta reflexão a partir da importância de compreender como o cérebro humano organiza e reorganiza conteúdos traumáticos, muitas vezes por meio do esquecimento, para garantir o funcionamento psíquico diante da dor e do sofrimento emocional (Freud, 1920/2010).

Com base nisso, este estudo tem como objetivo geral investigar a função da amnésia dissociativa como resposta subjetiva a eventos traumáticos. Quanto aos objetivos específicos, pretende-se: investigar a epistemologia da memória em sua articulação com a constituição do sujeito; examinar abordagens clínicas e terapêuticas que visam o tratamento da amnésia psicogênica; e compreender a relevância dos mecanismos de defesa psíquica para sujeitos em sofrimento. Por meio de uma revisão teórica, busca-se não apenas ampliar o entendimento sobre o fenômeno da amnésia dissociativa, mas também oferecer contribuições para práticas clínicas mais sensíveis às complexidades da experiência traumática.

METODOLOGIA

Este artigo caracteriza-se como uma revisão de literatura de natureza qualitativa e descritiva, com o objetivo de reunir e analisar produções científicas sobre as relações entre amnésia psicogênica, trauma, memória e mecanismos de defesa psíquica. Segundo a definição de Gil (2008), uma pesquisa qualitativa de caráter descritivo visa compreender fenômenos em profundidade, valorizando interpretações e significados construídos a partir dos dados analisados. Essa abordagem permite uma leitura crítica e interpretativa dos textos selecionados, respeitando a complexidade e a subjetividade do tema proposto.

A seleção do material foi realizada por meio da busca em diferentes fontes acadêmicas, incluindo as bases SciELO, PUC, PubMed, revistas eletrônicas científicas e livros físicos. Além disso, autores como Freud, Iván Izquierdo, Eric Kandel e outros, foram indispensáveis para a construção deste artigo. Quanto as palavras-chave, foram utilizados os descritores: amnésia psicogênica, trauma, memória, defesa psíquica e subjetividade. Para os critérios de inclusão/exclusão, foram considerados textos nos idiomas português, inglês ou espanhol, que abordassem os tópicos centrais da pesquisa de maneira direta ou indireta. E foram excluídos materiais com linguagem estritamente técnica ou médica, sem conexão com a psicologia, assim como textos duplicados ou sem fundamentação teórica consistente.

O estudo buscou, então, compreender como os autores articulam os conceitos de trauma, memória e defesa psíquica, bem como as implicações dessas relações para a constituição subjetiva, especialmente nos casos de amnésia psicogênica. Dessa forma, a metodologia adotada visa sustentar uma reflexão teórica aprofundada e coerente com os objetivos da pesquisa.

A MEMÓRIA E SUAS IMPLICAÇÕES

Nós nascemos, aprendemos a andar, falar, discutimos sobre o que gostamos e o que nos desagrada, exploramos e nos relacionamos com o mundo, mas dificilmente nos perguntamos sobre como lembramos das nossas experiências, como nossa identidade é construída ou até mesmo o porquê de nos esquecermos de eventos importantes, sejam eles bons ou ruins. É do senso comum imaginarmos a memória como algo natural e simples, em que apenas recebemos informações e a armazenamos de acordo com o que vemos, ouvimos e sentimos. No entanto, o estudo da memória, embora seja um processo natural, pode apresentar níveis de complexidade conceituais entre os estudiosos da área, como veremos no decorrer deste artigo.

Dito isso, Ivan Izquierdo (1989) diz que “desde um ponto de vista prático, a **memória** dos homens e dos animais é o armazenamento e evocação de informação adquirida através de experiências”, ou seja, nossas lembranças não são nada mais do que a conservação do nosso passado que podemos rememorar através de imagens ou símbolos, enfatizando, portanto, que são apenas representações, mas não a realidade em si. Ainda assim, são nossas memórias que definem nossa identidade pessoal, pois somos quem somos a partir do que lembramos.

Já o neurocientista Kandel (2014), conceitua a memória como sendo um processo neurobiológico em que o conhecimento passa por etapas de codificação, armazenamento e consolidação para então ser evocado quando o sujeito assim desejar. O autor explora as regiões do encéfalo onde as memórias estariam localizadas, enfatizando que “há diversos tipos fundamentalmente distintos de memória, e certas regiões do encéfalo são muito mais importantes para alguns tipos de armazenamento que para outros” (Kandel, 2014), o que demonstra que a memória não tem um local fixo no encéfalo, mas regiões que guardam conhecimentos de experiências passadas como a linguagem, a identidade pessoal, o conhecimento de objetos, cidades, pessoas, cores, etc.

Entende-se, portanto, que a memória pode ser dividida em diferentes tipos, como mencionado anteriormente, mas não são independentes, essas funções trabalham em conjunto para formar o sistema de recordação dos indivíduos. Logo, a memória pode ser classificada em:

- Memória sensorial, que utiliza os cinco sentidos (visão, audição, olfato, tato e paladar) para armazenar brevemente uma informação (Baddeley, 2011);
- Memória de curto prazo, que permanece apenas por alguns segundos e armazena pequenas quantidades de informações (Baddeley, 2011);
- Memória operacional, também conhecida como memória de trabalho, que é responsável pela manipulação temporária das tarefas cognitivas, como planejamento e resolução de problemas (Andrade; Santos; Bueno, 2004);
- Memória de longo prazo, que se traduz na capacidade de armazenar uma informação por horas, dias ou anos, podendo se estender pelo resto da vida (Alberini, 2009).

Ainda na memória de longo prazo, é possível identificar outras duas: a declarativa e a não declarativa, que são diferenciadas a partir da consciência ou não das informações (Squire; Zola, 1996). A memória declarativa refere-se aos fatos ocorridos que são armazenados de modo que possam ser recuperados com facilidade. Além disso, esse tipo de memória ainda se subdivide em semântica e episódica, na qual a semântica relaciona-se aos conhecimentos gerais

do mundo e a episódica com os eventos presenciados pessoalmente pelo indivíduo (Tulving, 2001).

Em contrapartida, tem-se a memória não declarativa, na qual se manifesta de forma inconsciente através do comportamento, por exemplo, sem que haja uma evocação voluntária da informação (Kandel et al., 2003). Esse subtipo de memória ainda se divide em: memória procedural, que engloba habilidades cognitivas e motoras reforçadas pela repetição; priming perceptivo, que envolve a habilidade de processar uma informação nunca apresentada a partir da exposição prévia de outra informação; o condicionamento clássico, onde ocorre a aprendizagem por associação de estímulos; e o não-associativo, considerado uma forma simples de aprendizado, que acontece por meio da sensibilização e da habituação (Alves, 2015).

Desse modo, compreende-se a complexidade que envolve a formação da memória, um processo psicológico essencialmente relevante para a constituição do eu. Segundo Iván Izquierdo (2018) “memória é o nosso senso histórico e nosso senso de identidade pessoal”, ou seja, a memória é o que nos permite existir no mundo, não de forma material, mas de modo significativo e simbólico. Existimos a partir do outro, quando esse outro percebe nossa existência. A memória é, portanto, construção do mundo que viemos e do que pretendemos criar. Lembrar nos possibilita descobrir algo novo, algo não percebido antes.

Dito isso, também podemos experimentar as amnésias, neste caso, a amnésia dissociativa, tema principal deste artigo. Sendo referida como “uma incapacidade de recordar informações autobiográficas” (APA, 2023), a amnésia dissociativa se caracteriza por estar frequentemente relacionada a eventos traumáticos, em que o indivíduo passa por uma experiência de estresse tão forte e marcante que suas defesas psíquicas se ativam para “esconder” a informação do acontecimento, pois lembrar do ocorrido causaria dor e sofrimento. Assim, percebe-se que o estudo da amnésia é tão complexo quanto o da memória, e estudá-los, seja independentemente ou em conjunto, nos possibilita amplificar o conhecimento e permite que possamos compreender a mente e seus aspectos em profundidade.

O TRAUMA

A palavra *trauma* tem sua origem grega, no qual significa *ferida*. De acordo com Maté (2023, p.24) quer nos demos conta disso ou não, são as nossas feridas, ou o modo como lidamos com elas, que ditam grande parte do nosso comportamento, formam nossos hábitos sociais e

influenciam nossa maneira de pensar o mundo. Elas podem até mesmo determinar se somos ou não capazes de algum pensamento racional em todas as questões que mais importam em nossa vida. Para muitos de nós, elas surgem em nossas relações mais próximas, causando todo tipo de problema.

Desse modo, para nos compreendermos emocionalmente em nossas dificuldades internas, que ressoam nas nossas em nossas relações, há que olhar para a infância, lugar onde a história de cada um começa. Alguns conseguirá lembrar de eventos dolorosos que os marcaram profundamente, outros não, pois o cérebro tendo como base os seus mecanismos de defesa e proteção, atuará no corpo, pois esse não dá conta da intensa carga emocional, pois durante um evento traumático, o cérebro ativa o sistema de resposta ao desconforto, que libera hormônios como o cortisol e adrenalina, aumentando a frequência cardíaca, a pressão arterial e atenção. Em seguida, de maneira primitiva o corpo entende que é preciso ativar o modo sobrevivência: lutar, fugir ou congelar, diante da ameaça.

Conforme Kolk (2020) por definição, o trauma é insuportável e intolerável. As vítimas de estupro, os soldados que estiveram em combate, assim como as crianças molestadas sexualmente, em sua maioria, ficam tão perturbados ao refletir sobre as experiências que tentam expulsar essas lembranças da mente e ir em frente como se nada tivesse acontecido. É preciso uma energia tremenda para levar uma vida normal e, ao mesmo tempo, carregar a memória do terror e a vergonha da absoluta fraqueza e vulnerabilidade.

Embora todos desejem deixar o trauma para trás, a parte do cérebro dedicada a garantir a sobrevivência (situada abaixo do cérebro racional) não lida muito bem com a negação. Uma experiência traumática pode se reativar ao menor sinal de perigo, mesmo muito tempo depois de ela ter acontecido, mobilizando circuitos cerebrais prejudicados e produzindo uma quantidade absurda de hormônios do estresse. Surgem então emoções desagradáveis, sensações físicas intensas e ações impulsivas e agressivas. Tais reações pós-traumáticas se mostram incompreensíveis e avassaladoras. Sentindo-se descontroladas, com frequência as pessoas acreditam sofrer de lesões profundas e irreversíveis.

E assim, sem perceber o sujeito passa uma vida toda sendo governado pelos traumas, sobrevivendo automaticamente e desconectado de si mesmo, pois aprendeu que sentir é um modo perigoso de estar na vida, pois irá se confrontar com dores que aprisionam o corpo, a mente e todo o seu ser, pois o trauma é uma experiência muito profunda e impeditiva da potência

do ser humano. Segundo Saúde Mental em Foco (2025), alguns sintomas emocionais e físicos mais comuns, incluem:

Emocionais:

- Ansiedade constante ou crises de pânico;
- Tristeza profunda ou episódios de depressão;
- Irritabilidade ou explosões de raiva sem motivo aparente;
- Dificuldade em confiar nas pessoas ou estabelecer conexões emocionais;
- Sentimento de culpa, vergonha ou inutilidade.

Físicos:

- Dores de cabeça persistentes ou enxaquecas;
- Insônia ou sono interrompido por pesadelos;
- Tensão muscular, especialmente na região do pescoço e dos ombros;
- Problemas digestivos como dores estomacais, náuseas ou intestino irregular;
- Fadiga crônica, mesmo após descanso suficiente.

Os efeitos do trauma na mente e no corpo também se manifestam em forma de doenças psicossomáticas, nas quais o sofrimento emocional se traduz em sintomas físicos reais e, muitas vezes, debilitantes, como: problemas digestivos - traumas podem impactar diretamente o sistema gastrointestinal, levando a condições como síndrome do intestino irritável, refluxo e gastrite; doenças autoimunes - o estresse traumático pode desencadear respostas imunológicas desequilibradas, aumentando o risco de doenças como lúpus ou artrite reumatoide.

Em suma, o trauma psicológico impacta a vida, começando pela relação com a gente mesmo e com os outros, pois todas as experiências vivenciadas não desaparecem, elas se camuflam e estão registradas no corpo, que é bússola para sentirmos as emoções mais profundas, compreende-las, dar um lugar de acolhimento e assim liberar conteúdos dolorosos que muitas das vezes carregamos por longos anos, por não escutarmos o corpo, como base informacional de comportamentos, transformação interior e expansão da vida.

A AMNÉSIA PSICOGÊNICA

A amnésia psicogênica, também conhecida como amnésia dissociativa, constitui uma condição na qual o indivíduo é incapaz de recordar informações pessoais relevantes, geralmente em resposta a experiências traumáticas. Diferente das perdas de memória provocadas por danos

neurológicos, essa forma de amnésia surge como um mecanismo psíquico de defesa, preservando o sujeito de conteúdos dolorosos que ameaçam sua integridade emocional. Essa condição tende a emergir em contextos de intenso estresse emocional, funcionando como uma espécie de “fuga psíquica” diante de situações que o indivíduo não consegue mais suportar conscientemente, provocando diversas comorbidades, como ansiedade, depressão, entre outras.

Segundo Michael D. Kopelman (2000), um neuropsiquiatra britânico renomado por suas extensas pesquisas sobre distúrbios de memória, especialmente amnésia, confabulação e condições cognitivas relacionadas, a Amnésia Psicogênica é caracterizada pela perda de memória retrograda, ou seja, pela perda de memórias passadas sem a presença de lesões físicas no cérebro, afetando informações autobiográficas, principalmente identidade pessoal e eventos de vida. Ele afirma que diferente de amnésias que ocorrem por acidentes e causam lesões cerebrais estruturais, esse tipo de amnésia ocorre sem evidência de lesões.

Kopelman (2000) afirma que a AP costuma se manifestar em três formas clínicas: Amnésia Localizada, Amnésia Generalizada e Amnésia Contínua. A Amnésia localizada se baseia na perda de memória de um evento específico ou um curto período. Amnésia Generalizada já é bem mais ampla, pois a pessoa esquece grande parte da sua história ou toda história de vida, incluindo aspectos de sua identidade. E na Amnésia contínua, a pessoa esquece tudo o que aconteceu a partir de um determinado ponto no tempo, como se o cérebro não conseguisse manter novas memórias após o trauma.

Em colaboração com Gavin C. M. McKay, Kopelman (2009) também aponta que memórias de eventos traumáticos tendem a ser processadas de maneira distinta das memórias cotidianas:

Há evidências de estudos de 'lesões' que as memórias de eventos emocionais ou traumáticos são processadas de forma diferente das 'memórias ordinárias'. Em particular, as memórias emocionais, especialmente aquelas que envolvem medo, podem usar circuitos amigdaloides, enquanto a 'aprendizagem normal' envolve outras regiões do cérebro (Fine, 2000). A amígdala é uma área do cérebro ricamente conectada ao circuito emocional do cérebro e ao sistema nervoso autônomo. (McKay, 2009, p 157)

De forma complementar, em estudos sobre os mecanismos da memória, é comum encontrar a associação entre certas regiões cerebrais e os diferentes tipos de amnésia. Pesquisas indicam que áreas profundas do cérebro, como aquelas relacionadas à memória episódica, quando afetadas, podem gerar quadros significativos de amnésia anterógrada e, em muitos

casos, também retrógrada. Já as regiões frontais parecem estar mais ligadas aos processos de recuperação ativa e consciente das lembranças autobiográficas (Kopelman, 2002).

Diante da complexidade desse quadro, diversas abordagens psicoterapêuticas e psiquiátricas têm sido exploradas com o objetivo de favorecer a recuperação da memória e o restabelecimento da identidade pessoal. Como, por exemplo, na psicanálise, que aborda a amnésia psicogênica como um mecanismo de defesa do recalque no inconsciente para proteger o indivíduo da dor emocional associadas a essas memórias.

O trauma sobrecarrega a capacidade de processamento do cérebro, levando à dissociação e ao bloqueio das lembranças como forma de regulação emocional. Entretanto, no caso da amnésia dissociativa, o recalque vai bem mais além do afastamento de traumas, ideias ou desejos para o inconsciente, pois ele opera de forma mais radical, fazendo com que o sujeito perca o acesso consciente a eventos inteiros da sua história de vida.

Freud no seu texto “Repressão” (1915), fala que o recalque é um processo pelo qual o ego tenta manter fora da consciência certos conteúdos que provocariam angústia. Mas quando essa defesa não é suficiente por vias mais simbólicas (como os sonhos ou os sintomas neuróticos), o psiquismo pode recorrer a mecanismos mais estruturais e intensos, como os da dissociação.

Para o tratamento dentro dessa abordagem, a psicanálise usa do método de associação livre, uma prática já padrão dentro da abordagem. Consiste em deixar que o paciente fale livremente dentro do consultório, sem limitações, buscando capturar algo que esteja ligado ao inconsciente e aprofundar melhor no assunto. O analista auxilia o paciente a reconstruir sua história psíquica, não apenas no nível factual, mas sobretudo no nível simbólico e afetivo. É a partir desse movimento de simbolização que o recalcado pode emergir, possibilitando a reintegração das lembranças anteriormente excluídas da consciência.

Porém, não se resume à recuperação da memória, mas envolve a reorganização interna da vida psíquica do sujeito. O que estava oprimido no inconsciente, pode ser reintegrado no campo do consciente, não como uma ameaça para a sua estabilidade emocional, mas sim como parte da sua história de vida, de forma que possa lidar com traumas passados.

Dentre essas adaptações, Bessel Van der Kolk em seu livro ‘O Corpo Guarda Traumas’ (2014), aborda a Amnésia Dissociativa como uma resposta do cérebro a experiências traumáticas extremas, de forma que o cérebro “desliga” o acesso consciente a certas memórias, quando a dor é intensa demais para ser suportada. Também defende, assim como Kopelman

(2000), que essa amnésia não é causada por lesões cerebrais, como danos físicos no tecido do cérebro, mas sim por mecanismos de defesa psicológicos que tentam preservar o sujeito da dor emocional. Defende também que essas memórias não desaparecem completamente, pois eles permanecem no corpo, influenciando emoções, comportamentos e respostas físicas mesmo que esteja fora do alcance do consciente.

Ele propõe que o tratamento direcionado para essa amnésia não seja a busca direta e imediata pelas memórias perdidas, mas sim uma construção segura do emocional e corporal. Tendo como objetivo ajudar o paciente a restabelecer uma sensação de controle sobre o corpo e mente, para que de forma gradual e cuidadosa, possa acessar as emoções relacionadas ao trauma. Reintegrando as experiências fragmentadas, para que a pessoa compreenda e ressignifique sua própria história sem ser re-traumatizado.

Dessa forma, para Van der Kolk (2020) o tratamento deve priorizar a reconstrução de um estado interno de segurança. A ênfase recai sobre a reintegração emocional e corporal, mais do que na recuperação direta das lembranças. A abordagem proposta é integrativa, considerando a interconexão entre mente, corpo e emoção no processo de cura.

AS DEFESAS PSÍQUICAS

Falar sobre a amnésia psicogênica é abordar diretamente os mecanismos de defesa psíquicos profundos que a mente aciona para proteger o sujeito de dores emocionais intensas, as quais ele não consegue suportar conscientemente. Historicamente, no final do século XIX, Pierre Janet (1907) introduziu a noção de dissociação como um processo psicológico central desencadeado por traumas, marcando um ponto de partida importante para a compreensão dos transtornos dissociativos. Pouco tempo depois, Sigmund Freud apresentou a teoria do recalque, entendida como um dos principais mecanismos de defesa do ego — operações mentais pelas quais o ego busca evitar sentimentos de ansiedade e desprazer resultantes de conflitos psíquicos.

Dentro da perspectiva, a amnésia psicogênica é frequentemente compreendida como expressão de mecanismos de defesa psíquicos, especialmente a dissociação e o recalque. A dissociação pode funcionar como uma forma de proteção diante de conteúdos psíquicos intoleráveis, surgindo como estratégia do ego para preservar a integridade psíquica frente a traumas intensos. Nessa lógica, o sujeito dissocia ou recalca memórias ligadas a experiências

traumáticas, de modo que tais conteúdos não acessem diretamente a consciência, evitando o sofrimento emocional (Pereira, 2008, p 301).

Nesse contexto, o recalque atua como repressora para impedir que lembranças traumáticas saiam do inconsciente, funcionando como um tipo de “freio” na parte mais profunda da mente diante de conteúdos dolorosos para o sujeito. Já a dissociação, diferente do recalque que mantém os conteúdos reprimidos no inconsciente, pode promover um verdadeiro rompimento na continuidade da consciência, da identidade ou da memória, criando lacunas que impede o ser humano de acessar partes importantes da sua vida, podendo até perder sua própria identidade.

Embora Freud e Janet tenham trabalhado em épocas próximas, não se pode afirmar que Freud tenha diretamente contribuído com os estudos de Janet. No entanto, há indícios de que ele tenha se inspirado em algumas de suas ideias, aprofundando-se nas defesas psíquicas e na forma como a mente busca mecanismos de proteção diante de experiências traumáticas.

Ademais, além do recalque e da dissociação, que aparecem como os principais mecanismos envolvidos na amnésia psicogênica, outros mecanismos de defesa também podem estar presentes. A negação, por exemplo, pode impedir que o sujeito reconheça a realidade traumática, funcionando como um bloqueio psíquico imediato diante do inaceitável, o indivíduo pode até ter consciência do fato, mas se recusa a aceitar (Freud, 1925). Já o isolamento do afeto atua separando a carga emocional da memória do evento, fazendo com que a lembrança se torne distante, quase “fria”, sem o peso afetivo que normalmente a acompanharia. Ele não vai perder as memórias do trauma, mas vai “desligar” as emoções ligadas as ele (Freud, 1923).

Por isso, compreender esses mecanismos é fundamental no contexto clínico, especialmente dentro das abordagens psicodinâmicas, onde os sintomas não são vistos apenas como disfunções, mas como expressões simbólicas de conflitos internos. Reconhecer a amnésia como efeito de defesas psíquicas permite uma escuta mais sensível, que respeita o tempo e os limites do paciente, ao mesmo tempo em que abre caminhos para que memórias recalçadas ou dissociadas possam, aos poucos, ser reintegradas à consciência e ressignificadas no processo terapêutico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A relevância do referido artigo, intitulado como “Amnésia Psicogênica e Defesa Psíquica: Uma Revisão Teórica Das Relações Entre Memória e Trauma” instiga a importância de compreendermos a amnésia dissociativa a partir de fenômenos psicológicos profundos, especificamente o trauma, que afeta a vida como um todo, causando sofrimento mental e modificando estruturas cerebrais, necessariamente a memória, ativadas como proteção frente a um evento traumático que em sua composição tem o poder de tornar a vida bem mais difícil e desregulada emocionalmente por capturar de forma avassaladora as nossas emoções afetando a dignidade humana no modo ser e estar em si e nas relações.

Inclusive, o modo sobrevivência, o chamado “piloto automático”, é uma fuga para não entrar em contato com o que dói, desse modo o ser humano se anestesia e se distrai de si mesmo para não sentir o corpo, porque o trauma nos separa do corpo. Complementa Maté (2023) quando afirma que “o trauma não é o que acontece com você, mas sim o que acontece dentro de você”.

Nesse contexto, a proposta do artigo não é encerrar por aqui, mas aprofundar um pouco mais, pois a referida pesquisa é muito ampla e pode contribuir de maneira significativa para a construção psíquica e acadêmica. A partir das pesquisas realizadas, foi possível compreender e refletir sobre como o cérebro age no processo de defesa para camuflar as memórias dolorosas que experienciamos ao longo da vida. Como também observar os nossos comportamentos, quando esses podem estar sinalizando um possível trauma, que se manifesta na vida cotidiana.

REFERÊNCIAS

ALBERINI, C.M. Transcription factors in long term memory and synaptic plasticity. **Physiological Reviews**, v. 89, n. 1, 2009. p. 121-145. Disponível em: <https://doi:10.1152/physrev.00017.2008>. Acesso em: 23 de maio de 2025.

ALVES, N. T.; GALDÊNCIO, C. A. **Processos básicos e avaliação psicológica: perspectivas, contextos e aplicações**. Editora da UFPB. 2015.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5-TR*. 5. ed. rev. e atual. Porto Alegre: Artmed, 2023.

ANDRADE, V; SANTOS, F. dos; BUENO, O. **Neuropsicologia hoje**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2004. Disponível em: <https://doi:9788536700083>. Acesso em: 23 de maio de 2025.

BADDELEY, Alan; ANDERSON, Michael C.; EYSENCK, Michael W. **Memória**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

FREITAS, J. M. de; OLIVEIRA, L. S. de. **Fuga dissociativa e amnésia dissociativa: correlações psiquiátricas e psicanalíticas.** In: SILVA, M. A. da; COSTA, R. L. da (Orgs.). **Saúde em foco: bem-estar e qualidade de vida.** Curitiba: Atena Editora, 2023. Cap. 8, p. 84–96.

FREUD, Sigmund. Repressão (1915). In: FREUD, Sigmund. **Escritos sobre a psicologia do inconsciente (1911-1915).** Trad. Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Obras Completas, v. 14), p. 141–158.

FREUD, S. *Além do princípio do prazer* (1920). In: Obras Completas, vol. 18. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

GIL, Antônio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa.* 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

IZQUIERDO, Iván Antonio. (1989). Memórias. *Estudos Avançados*, 3(6), 89-112. Disponível em: <https://revistas.usp.br/eav/article/view/8522>. Acesso em: 23 de maio de 2025.

IZQUIERDO, I. Memórias. Disponível em: < <https://www.scielo.br/pdf/ea/v3n6/v3n6a06.pdf> >. Acesso em: 25 de maio de 2025.

KANDEL, E. R.; SCHWARTZ, J. H.; JESSEL, T. M. Aprendizado e memória. **Princípios da neurociência.** Barueri: Manole, 2003. p. 1227-1245.

KANDEL, Eric R., et. al. **Princípios de Neurociências.** tradução: Ana Lúcia Severo Rodrigues, et al. Revisão técnica ; Carla Dalmaz, Jorge Alberto Quillfeldt. - . ed. – Porto Alegre: AMGH, 2014.

KOLK, Bessel Van der. **O Corpo Guarda Marcas.** [tradução de Donaldson M. Garschagen]. Recurso digital. 1 ed. – Rio de Janeiro: Sextante, 2020.

KOPELMAN, M. D. **Psychogenic amnesia: Syndromes, outcome, and patterns of retrograde amnesia.** Cognitive Neuropsychiatry, Hove, v. 5, n. 2, p. 95–104, 2000.

MATÉ, Gabor; MATÉ, Daniel. **O Mito do Normal.** [tradução Fernanda Abreu]. – 1 ed. – Rio de Janeiro: Sextante, 2023.

MCKAY, G. C. M.; KOPELMAN, M. D. **Psychogenic amnesia: When memory complaints are medically unexplained.** Advances in Psychiatric Treatment, Cambridge, v. 15, n. 2, p. 152–158, 2009.

PEREIRA, Mário Eduardo Costa. **Pierre Janet e os atos psíquicos inconscientes revelados pelo automatismo psíquico das histéricas.** Revista Latino-americana de Psicopatologia Fundamental, São Paulo, v. 11, n. 2, p. 301–309, jun. 2008

SAÚDE MENTAL EM FOCO. **Os Efeitos do Trauma na Mente e no Corpo: Entenda e Encontre Caminhos para a Recuperação.** Disponível em:

<https://saudentalemfoco.com/os-efeitos-do-trauma-na-mente-e-no-corpo-entenda-e-encontre-caminhos-para-a-recuperacao/>. Acesso em: 16 de junho de 2025.

SQUIRE, L. R.; ZOLA, S. M. Structure and function of declarative and nondeclarative memory systems. **Proceedings of the National Academy of Sciences**, v. 93, 1996.

TULVIN, E. Episodic memory and common sense: how far apart? **Philosophical Transactions of the Royal Society of London. Series B, Biological Sciences**, v. 356, 2001. p. 1505–15. Disponível em: <https://doi:10.1098/rstb.2001.0937>. Acesso em: 25 de maio de 2025.